

**O paradoxo da tradição pátria na escritura hispano-americana  
do século XIX**

**Francisco Bilbao e Justo Sierra**

**Libertad Borges Bittencourt<sup>1</sup>**

**Resumo:**

Este artigo examina alguns ensaios das *Obras completas* de Francisco Bilbao Barquin e tópicos da obra clássica de Justo Sierra, *Evolución política del pueblo mexicano*, por constatar que as ideias sobre as respectivas nações veiculadas pelos autores mereciam ser observadas em conjunto e, portanto, comparativamente. Os textos de Bilbao e Justo Sierra conformam “leituras canônicas”, que não apenas buscavam dialogar com as experiências vivenciadas desde as independências, na primeira metade do século XIX, mas projetavam um novo cenário para a América, a partir dos contextos díspares vividos por suas jovens nações.

**Palavras-chave:** ensaios, nação, identidades.

**Abstract:**

This paper analyses some essays of the Francisco Bilbao Barquín's *Complete Literary Composition (Obras Completas)* and some topics of the classic Justo Sierra's production of *Political evolution of the Mexican People (Evolución política del pueblo mexicano)*, due to the fact that the ideas about their respective nations should be observed as a whole and, therefore, comparatively. The Bilbao's and Justo Sierra's texts comprise “canonic readings”, which not only discuss with experiences that were witnessed since their countries' independence in the first half of the 19<sup>th</sup> century, but also projected a new scenery for America, from the so different framework experienced by their young nations.

**Keywords:** essays, nation, identity.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: libertadborges@yahoo.com.br

## Apresentação

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa do pós-doutorado, da qual este artigo é uma pequena parte, recorri ao enfoque comparativo, lembrando que a visão de conjunto não pode perder de vista as diferenças, que não são simples particularismos do processo histórico, mas parte de uma dinâmica maior, que interage com a unidade e com a diferença<sup>2</sup>. Para o exame que proponho, a história comparada permite apontar as diferenças e particularidades presentes nas histórias nacionais na América hispânica, após as independências, quando as elites intelectuais e administrativas se preocuparam em construir uma história própria, visando a garantir a hegemonia territorial e buscando configurar a consciência de pertencimento nacional como característica identitária frente à alteridade. Os ensaios de Bilbao e Sierra aqui examinados tratam de um mesmo tempo histórico, considerado como de fundação, em um mesmo continente, fulcral ao enfoque comparativo. Ademais, esses autores refletiram, cada um ao seu tempo e ao seu modo, sobre temáticas muito similares, em perspectivas que se aproximam, mas também se distanciam, numa dimensão, ao mesmo tempo universal e particular, sobre um período decisivo das histórias nacionais hispano-americanas<sup>3</sup>.

Por meio das reflexões sobre as obras desses autores, interessa-me assinalar alguns pontos que se associam a problemáticas muito similares e, portanto, “universais” na América hispânica, tais como: a questão racial, as identidades locais e continentais, o americanismo, nas turbulentas “décadas a cavalo” – o termo é utilizado por Hilda Sabato para denominar o período singular dos séculos XVIII e XIX, que palpitava num

---

<sup>2</sup> Alguns esclarecimentos formais são pertinentes: 1) apesar de ser devedora de uma vasta historiografia que trata dos temas aqui abordados, incluí nas referências apenas os livros e artigos citados diretamente; 2) os dados biográficos e bibliográficos sobre os ensaístas citados serão apresentados nos tópicos dedicados ao exame de cada uma das obras; 3) traduzi para o português todas as citações das obras referenciadas, visando a conceder melhor fluidez às ideias aqui examinadas.

<sup>3</sup> GREEN (1990) e PRADO (2005) defendem a perspectiva comparativa como meio de construir sínteses científicas. Green destaca que a comparação apresenta duas funções importantes: 1) contribui para a interpretação de aspectos específicos e gerais de cada fenômeno; 2) ajuda a compreender as causas e as origens desses fenômenos, em uma perspectiva fundamentada em certa similitude dos fatos observados em contextos diferentes, recusando as comparações muito vastas. A autora assinala que o projeto comparativo implica ainda em uma tripla escolha: 1) a do sujeito ou do fenômeno a ser explicado; 2) a das unidades de observação; 3) a escolha do grau pertinente de análise, ou seja, é preciso encontrar temas que se equiparem.

movimento célere, em que se podia “ver”, literalmente, a sociedade em movimento (SÁBATO, 2008, p.311). Importa enfatizar que, a despeito de Francisco Bilbao não ter sido incorporado em um campo de leituras canônicas no seu tempo, ainda assim, o incluí no interior dessa denominação<sup>4</sup>. Isso porque, apesar de seus ensaios terem circulado com severas limitações, eles perpassaram o imaginário da tradição pátria latino-americana, na escritura do século XIX e mesmo do XX. Sua perspectiva aponta alternativas outras para o espaço americano, escapando da leitura negadora de historicidade e contribuindo afirmativamente ao exame sobre a alteridade continental.

A concepção que permeia a presente reflexão é a especificidade do ensaio, que adquiriu uma prerrogativa particular em todo o continente, acompanhando os desencontros que marcaram a organização das repúblicas americanas, quando a afiliação ao ideário republicano se constituía ainda em utopia. É preciso destacar o que a historiografia mais recente vem sinalizando: as novas bases de criação do poder implicaram em mudanças importantes nas práticas políticas, com resultados muito distintos na América hispânica. Todavia, se considerarmos a distinção desses resultados, há um ponto em comum para toda a região: por algumas décadas, nação foi sinônimo de “república heroica”, mesmo se levarmos em conta a permeabilidade dos conceitos<sup>5</sup>. Apesar dos localismos, reforçados pelo isolamento com que a Coroa espanhola sempre manteve suas colônias, as ideias de separação, veiculadas também nos ensaios e nos periódicos, agenciaram projetos que superaram as barreiras territoriais, favorecidos pela língua comum e pelas instituições similares. Assim, na América do Sul, a unidade foi o

---

<sup>4</sup> PRADO (1981, p.171) salienta uma vertente tradicional e uma crítica sobre a América Latina e situa Bilbao na perspectiva crítica. Nesse sentido, os ensaios do autor “foram os primeiros a denunciar o possível domínio dos EUA sobre a América Latina; para lhe fazer frente, retomava o ideal bolivarista da unidade continental, único caminho para o enfrentamento do gigante do norte. (...) Suas propostas não tiveram, ao menos, a mesma difusão e penetração das propostas de Alberdi e Sarmiento; ficaram restritas aos meios intelectuais e políticos mais críticos, distante dos círculos e da história oficiais”.

<sup>5</sup> A discussão sobre como a nação era concebida nesse período é extensa, mas para esses letrados a perspectiva era a de nação como um grupo de pessoas unidas por laços naturais, como as fronteiras definidas pós-independência. A identificação entre nação e raça foi corrente no período e também reverberou entre os intelectuais de que trato aqui. Nesse passo, o pertencimento seria definido pelos grupos que teriam características em comum, como a língua, a religião, o território, o que também colocava problemas com relação à alteridade, daí a complexa incorporação do indígena. Nação era pensada como uma realidade social orgânica, à qual os indivíduos deveriam aderir espontaneamente e à qual deveriam servir com fidelidade e por isso esses letrados buscaram inculcar princípios objetivos para cristalizar o conteúdo representativo do termo. Esses ensaios mostram o desvelo dessa tarefa.

mote inicial que levou os próceres da independência a se unirem nos primórdios das lutas pelo objetivo comum: a libertação do jugo colonial.

Tanto no período que antecedeu as guerras de independência, quanto nos momentos posteriores e ao longo do século XIX, o ensaio e o periodismo exerceram papel crucial no interior de uma diversidade temática, constituindo uma modalidade singular no entrecruzamento de cultura e política. Os letrados se arrogaram um papel pedagógico no esforço de disseminarem uma almejada e ampliada consciência de pertencimento às jovens nações. Desse modo, atuavam como mediadores culturais, no interior de um recém-criado espaço nacional independente, o que sugeria interpretações inéditas, fundamentais em qualquer construção identitária. Nessa nova ordem discursiva, a circulação de ideias era um dos desafios enfrentados pelas elites que tinham como objetivo a tradução de uma cultura política, buscando um novo lugar para a América e os americanos.

O propósito deste meu exercício é apontar como esses autores incorporaram as transformações globais do início do século XIX e seus desdobramentos contraditórios no interior da América hispânica, na tentativa de valorizar a novidade discursiva dessas experiências ensaísticas em todo o continente. Minha trajetória de pesquisa expressa a aproximação a fontes que constituem um campo definido pelos ensaios. Esses ensaios concederam espaço a uma comunidade de letrados que contribuiu para a disseminação de valores e práticas republicanas e, com essa conexão, difundiu-se a partilha de um projeto americano, fortalecido, sobretudo, pela circulação das narrativas nos periódicos. Essa expansão inédita por meio do periodismo possibilitou uma comunicação mais imediata, nesse espaço assistemático que as independências inauguraram. A convicção desses ensaístas apontava o julgamento do processo de independência: para eles, a separação da Coroa espanhola efetivara apenas uma parte da independência, pois não havia se consolidado a nação. No interior de tais dinâmicas sociopolíticas, tais como a desintegração (não apenas territorial) e a mutação ideológica, tornava-se fundamental reforçar as simbologias da nação, estabelecendo uma pedagogia cívica, com vistas a educar o povo.

Todo um cânone de ensaios buscava endossar uma realidade positiva e um ideal de escrever a América; exatamente assim, realidade e ideal conjuminavam-se, pois

“escrever sobre a América, então, era escrever a América” (FREDRIGO, 2010, p. 288). Nesse “Extremo-Occidente” (ROUQUIÉ, 1991)<sup>6</sup>, política e ensaio estão imbricados na história da construção nacional, e é essa escritura que permite superar as lacunas acerca do saber histórico. Esse cânone aponta um pioneirismo da expressão local e autônoma, em uma fórmula narrativa que buscava dirimir diferenças. Parte significativa desses ensaios sinaliza projetos, cuja finalidade precípua era estimular noções de pertencimento, para que as mais distintas camadas sociais se reconhecessem na leitura – apenas assim a “república desejada” poderia ser alcançada. A imagem da nação que se projetava era outorgada pela elite intelectual e política, numa espécie de “escola de certezas e de pedagogia societária” na aprendizagem da nova nação.

Segundo SOMMER (2004), os ensaios, tomados como narrativas de fundação, personificam a vontade como verdade, confiando na própria eficácia que suas indicações sagitais poderiam ensejar, no fortalecimento da associação política. A narrativa nesses ensaios buscava demarcar a singularidade do lugar de onde esses letrados escreviam, expondo a necessidade de explicar a nação, e até mesmo o continente, por meio desse campo de saber. A pergunta recorrente sobre quem somos alimentava a constatação de que havia uma história a ser construída; por isso, a negação do passado colonial implicava em um futuro a ser inventado e na afirmação da singularidade continental. O exercício de interpretação dos ensaios indica as invenções que misturam história e narrativas épicas, visando a desvendar o enigma da alteridade americana. Adotando essa concepção, apresento o exercício de leitura desses ensaios no que se refere aos primórdios republicanos.

---

<sup>6</sup> ROUQUIÉ (1991, p.25) refere-se ao *Extremo-Occidente* (a América Latina), como uma América periférica, que pertence culturalmente ao Occidente, destacando sua singularidade. O subcontinente “latino” faz parte de um mundo “inferido”: uma “invenção” da Europa, que ingressou, pela conquista, na esfera da cultura ocidental: “A América Latina aparece, nesse aspecto, como o Terceiro Mundo do Occidente ou o Occidente do Terceiro Mundo. Lugar verdadeiramente ambíguo, no qual o colonizado se identifica com o colonizador [...] A continuidade com o Occidente facilita os intercâmbios culturais e técnicos que não são entravados por nenhum obstáculo linguístico ou ideológico”. O autor destaca que a pertinência ocidental provavelmente instilou a forma mais sutil de dependência e questiona se a América Latina seria um Occidente inacabado ou um Terceiro Mundo imperfeito, ressaltando o mal-estar dos intelectuais da região à procura de suas raízes. Sobre essa outra América arremata: “A miragem da Europa e dos Estados Unidos, em suma, do Occidente, a impede de assumir sua preciosa bastardia. As maiores sociedades multiétnicas do mundo assemelham-se ainda a justaposições de naufragos nostálgicos. Essas Américas nem sempre saíram do labirinto da solidão” (ROUQUIÉ, 1991, p. 346).

Há de se ressaltar a especificidade desses dois ensaístas. Francisco Bilbao pensa a América globalmente e positivamente influenciado pelo relativo equacionamento institucional da nação chilena, que não atravessou as décadas turbulentas, por exemplo, da vizinha Argentina. O ensaio de Justo Sierra deve ser examinado como fruto do contexto mexicano, marcado por décadas de guerras civil e externa, cujo desdobramento principal foi a instabilidade institucional, o que ensejou uma perspectiva mais pessimista do autor a respeito da nação que então se forjava.

### **Francisco Bilbao - O corpo amado da pátria e o libelo pela identidade americana**

Dentre os intérpretes que propuseram alternativas para a nação, extrapolando os limites do Estado-nação, destaco Francisco Bilbao Barquín (1823-1865), natural de Santiago do Chile e que irrompeu na vida pública muito jovem, com vinte e um anos de idade<sup>7</sup>. Sua obra foi elaborada no interior de uma reflexão que se consolidou meio século depois de estabelecidas as independências e que pensa, em conjunto, a unidade americana<sup>8</sup>. Estudou no Peru, para onde se mudou com onze anos de idade, acompanhando o pai desterrado. Quando retornou ao Chile, passou a colaborar em diversos periódicos, sempre dirigindo duras críticas ao governo e à Igreja. Suas ideias políticas, sociais e religiosas consideradas radicais implicaram na sua condenação como imoral e blasfemo, tendo sido expulso da Universidade do Chile. A Corte Suprema decretou ainda a queima dos seus textos.

---

<sup>7</sup> OCARANZA (2007, p.101) assinala que, desde a infância, o exílio marcou a história de Bilbao, como também a tradição liberal da sua família. As convicções liberais e anticlericais do seu pai, Rafael Bilbao, levaram-no a dez anos de desterro no Peru, acompanhado pela família, e marcaram profundamente seu filho. De outro lado, a formação religiosa ministrada por sua mãe fincou raízes na sua formação, principalmente a vida de Jesus, essencial em seu pensamento, assim como o exemplo de São Francisco de Assis, considerado por Bilbao como modelo de perfeição moral. A consciência de uma realidade sociocultural extremamente desigual no Chile contribuiu para despertar nele a necessidade de defender princípios para alcançar o progresso humano, fundamentado em arraigadas orientações morais.

<sup>8</sup> No preâmbulo metodológico das *Obras completas*, M. E. Orellana Benado (2007) ressalta a influência em Bilbao do pensamento do filósofo John Locke. Sua exaltação das ciências naturais, associadas a Bacon, Galileu e Newton, sobretudo na defesa do consentimento dos governados como fonte última da legitimidade dos governos, constituiu parte do contexto maior das interpretações de Bilbao. O autor enfatiza que a obra de Bilbao é um exemplo esquecido de um período brilhante nas letras ensaísticas sobre assuntos históricos, morais, políticos e jurídicos na América do Sul, afirmando ainda que, durante várias décadas do século XIX, por diversas circunstâncias, um grupo de intelectuais argentinos, bolivianos, colombianos, equatorianos, venezuelanos e espanhóis conviveu em Santiago e Valparaíso, tendo, como Bilbao, destacada atuação política. No primeiro terço do século XX, muitos deles desapareceram da memória histórica de seus países, como é o caso de Bilbao, que morreu muito jovem, em 1865, tendo sido, ao mesmo tempo, pensador e ator de seu tempo, participando da crença em uma segunda guerra de emancipação, para retificar o curso da história americana.

Para examinar a obra de Bilbao, é fundamental referenciar o Humanismo francês, sobretudo o Humanismo Cristão<sup>9</sup>, cuja influência perpassou a produção desse autor chileno<sup>10</sup>. O sentido de humanismo que inspira Bilbao se aproxima da definição de humanismo de ETCHEVERRY (1975, p.13): “uma tendência dinâmica. Quer se trate de um sistema de linhas nitidamente traçadas ou de uma aspiração mais ou menos vaga, implica sempre uma elevada estima pela natureza humana aliada à ambição de realizá-la plenamente no tipo ideal”. São espiritualistas, e o “espiritualismo verifica a nossa radical indigência e busca a explicação última do universo num princípio transcendente ao mundo: Deus” (p.18). Nesse passo, Jörn Rüsen elenca referências fundamentais para o Humanismo e seu processo de universalização, entre as quais está a secularização, que seria o momento em que o divino migra para a subjetividade humana, constituindo uma espécie de universalização da qualidade divina. Nessa perspectiva, a figura de Deus sofre um deslocamento, saindo de um mundo extrínseco para uma perspectiva intrínseca. A divindade não desaparece, mas se torna mais humanizada, ocorrendo uma interiorização da divindade. É essa a concepção de Bilbao sobre Deus e religião.

Quanto ao contexto de formação do autor, LEMPÉRIÈRE (2008) afirma que, na primeira metade do século XIX, o Chile se constituiu em um laboratório, não no sentido de que os homens de letras fossem mais representativos, mas pelo fato de que em sua capital, Santiago, juntamente com a cidade portuária de Valparaíso, os homens de letras hispano-americanos foram levados a pensar sua relação imaginária e ideológica com a

---

<sup>9</sup> BERTRANOU (2003, p.139) alerta que não se deve pensar em Bilbao como mero reflexo do pensamento humanista francês, mas vale mais considerá-lo como parte do movimento racionalista romântico, cujo centro foi Paris, com projeções que se estenderam a toda a Europa e América. Isso explicaria a linguagem emancipada, o sentir-se cidadão de um mundo de opressão que devia melhorar-se, como devoto propulsor de uma sociedade que recém começava. Concordo com a autora, porém endosso a perspectiva de análises sobre Bilbao, dentre as quais a de Stüven (2009), que destacam seu ideário eclético, mas profundamente embebido no humanismo cristão. Seu pensamento encerra chaves culturais de uma época e, mesmo pertencendo ao romantismo, usa categorias ressemantizadas da Ilustração e de outras correntes. Mal saído da adolescência, começou a militar na imprensa, e sua juventude orientou seu libelo contra a Igreja e o Estado na América hispânica do período.

<sup>10</sup> Em conferência proferida na Universidade Federal de Goiás, em 07/10/2010, sob o título: *Temporalizando a humanidade: Humanismo no pensamento histórico*, o filósofo e historiador alemão, Jörn Rüsen, destacou como na América Latina o Humanismo conseguiu se estruturar sob um paradigma intercultural, preservando a tradição ocidental, mas ampliando-a a partir das situações locais, dado o entrecruzamento das mais diferentes tradições. O humanismo é inspirado em atitudes filosóficas, e o modelo ocidental mais contemporâneo é próprio do início do Renascimento, quando se valorizou a liberdade de pensamento. As reflexões de Bilbao são perpassadas por essa concepção, pois ele clamava por um novo humanismo e pela mudança na lógica ocidental, superando os aspectos etnocêntricos, ampliando o processo de universalização. Reiterava a necessidade de humanizar a humanidade na história, repensando as instituições do humanismo clássico e do quadro de referências ocidental.

colonização cultural e, portanto, em sua genealogia intelectual e da própria república. Um território parcamente habitado e geograficamente afastado dos centros culturais da época recebeu homens de letras, comerciantes, sábios e aventureiros de todas as partes do mundo, e nem todos professando o catolicismo, o que conferia a Valparaíso um cosmopolitismo sem precedente na América hispânica. Sob esse influxo, Bilbao, ainda estudante, se destacou pelos textos polêmicos e iconoclastas, sendo considerado pela posteridade como um ícone da luta pela democracia e um apóstolo da liberdade, mesmo tendo se tornado um proscrito político pelas críticas contundentes ao Estado e à Igreja.

Diferentemente de autores canônicos na reflexão sobre nação, Bilbao valorizou o autóctone e imputou à Espanha a culpa inaugural pela não consideração das culturas ameríndias. Na obra *El Evangelio Americano*, criticou o processo de conquista que “subjugou raças inocentes, hospitaleiras, novos homens, novos irmãos que abriram seus braços aos recém-chegados e, em troca, o conquistador os escravizou ou assassinou” (1864, p.133). Bilbao censurou a belicosidade europeia, explícita, nesse período, na invasão francesa ao México, depondo o presidente Benito Juárez e entronizando Maximiliano como imperador em um México republicano. Sem utilizar o termo, refletiu também sobre a questão da mestiçagem, que assinalou existir na própria Espanha, problematizando como esse crisol cultural teve desdobramentos significativos, decorrendo daí a especificidade nas distintas regiões americanas.

No interior das lutas na Argentina, em ensaio escrito de 1859, denominado *La solidaridad*, no qual predicava a valorização do indígena e do negro, reforçou a importância da Federação, afirmando que, a cada dia, tinha mais fé nessa ideia, e que a América poderia apresentar três grandiosos grupos: os Estados Unidos, devido às vigorosas instituições que aquela nação apontava para o mundo; as Repúblicas do sul, em função da unicidade do processo histórico e dos encaminhamentos pós-independência; e o Brasil, que ele distinguia do restante da América, devido à continuidade da escravidão e da monarquia. Decantou a terra americana e seus homens e não apontou, como muitos autores do período, negatividades insuperáveis; pelo contrário, para ele, tudo contribuía para uma organização política nova. Ao se deparar com um projeto semelhante ao que ele propôs, relativo à Confederação das nações

europeias, como precursor do que denominou astro da fraternidade, reforçou a fé no futuro magnífico que aguardava o continente, que ele chamava de nossa América.

Para tanto, na sua perspectiva utópica, seria necessário o desarmamento total, a abolição dos exércitos permanentes, a impossibilidade de toda conquista, o fim das aduanas, desvelando sua perspectiva agregadora e pacifista. Para a consecução desse objetivo, indicou que seria fundamental reforçar uma imaginação e uma memória de unidade, fundamentadas na identidade unívoca das lutas independentistas. Reafirmou a envergadura dessas lutas e a unidade que perpassou o processo, apesar dos encaminhamentos posteriores, exaltando como, sob essa perspectiva, quando todos se sentiram unicamente americanos, aí incluindo os índios, quando o crioulo finalmente compreendeu que não vivia na “Espanha americana”, mas que sempre fora subalternizado pelos peninsulares, é que a ideia de independência pode ser consolidada. Essa perspectiva foi retomada pela historiografia dos anos 1970, que destacou a tomada de consciência do não pertencimento crioulo à identidade peninsular como o mote deflagrador do processo autonomista. A identidade americana, então, sobrepujou o espanholismo, com a ruptura política e administrativa, apesar das tentativas de retomada espanhola; mas, cessado esse período, os localismos punham em risco o alcance dessa tarefa de vulto, e o autor não se cansava de assinalar os perigos dessa etapa.

Nesse sentido, Ricoeur (2007, p.61) mostra que a imaginação e a memória têm “como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro, a posição de um real anterior”. Essa questão fica evidente, particularmente nos períodos de exílio de Bilbao, quando ele comparava as instituições dos países onde se encontrava, tendo como referencial sua pátria, que, a despeito das vicissitudes que o afetavam, sempre se sobressaía. Em *Mensagem do proscrito à nação chilena*, escrito no exílio em Lima, em 1855, refletindo sobre sua própria condição de expatriado, reiterou seu projeto de uma América unida, apesar das especificidades regionais, mas sempre valorizando a situação institucional do Chile em relação às demais nações do continente<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Ricoeur (2007, p.59) reflete sobre a memória dos lugares: “São alguns desses lugares notáveis que chamamos de memoráveis. O ato de habitar constitui, a esse respeito, a mais forte ligação humana entre a data e o lugar. Os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los. Quanto a nossos deslocamentos, os lugares sucessivamente percorridos servem de *reminders* aos episódios que aí ocorreram. São eles que, a

Para assinalar o dever do Chile no período, afirmou ser necessário não se concentrar unicamente nos limites geográficos da pátria, conclamando os chilenos, vistos por ele como elemento vital na América e fundamental na América do Sul, a que tivessem a ambição que a providência assinalava para eles, pois o dever que lhes cabia era grandioso (2007, p.297)<sup>12</sup>. De acordo com BERTRANOU (2003, p.236), em Bilbao se combinavam dois nacionalismos compatíveis entre si: aquele da pátria de nascimento ou de adoção, segundo as circunstâncias, e aquele da Pátria Grande, na perspectiva dos libertadores. Por sua vez, PRADO (1981) ressalta de que forma a interpretação de Bilbao, ao não privilegiar aspectos econômico-sociais, valoriza o americano do sul. Segundo a autora, mais importante é perceber a novidade presente no discurso do chileno: “a compreensão e a aceitação daquilo que é a América do Sul, ou melhor, a tentativa de entendê-la, sem rejeitar ou procurar extirpar qualquer uma de suas partes” (PRADO, 1981, p.172). É em virtude dessa novidade, que Bilbao enriquece a vertente crítica do pensamento americano e se coloca em contraposição a uma vertente tradicionalista, “que renega ou repudia a realidade e procura um modelo exterior que deve ser copiado, desacreditando a potencialidade e a capacidade de transformação das forças sociais emergentes da América Latina” (PRADO, 1981, p.172).

Bilbao escreveu que tanto para os povos, como para os indivíduos, se apresentavam momentos providenciais na história, e compreender o momento histórico e “encarná-lo” na vida nacional transformaria as nações em agentes da história. Nesse sentido, os povos cooperariam entre si, com harmonia entre as raças e nações. De forma distinta de outros letrados do período, ele não condicionava a vida democrática à educação formal, apesar de valorizá-la e considerá-la a alternativa para a igualdade social, e também não considerava o povo como a parte ignorante e problemática da sociedade. Destacou a importância de uma nação que, consagrando a inviolabilidade do indivíduo, velasse pela unidade do dever e perpetuasse,

purificando, a tradição latina da sociabilidade, o germe da fraternidade latente, o fundo de espontaneidade e de entusiasmo pelo belo, irradiação da

---

*posteriori*, nos parecem hospitaleiros ou não, numa palavra, habitáveis”. Nesse passo, a perspectiva de Bilbao era perpassada pelas suas experiências na Europa e em outros países da América do Sul, amalgamando o que ele considerava o modelo ideal de nação, tendo como referência o Chile natal.

<sup>12</sup> Sempre que as citações de Bilbao tiverem como referência o ano de 2007, foram extraídas das obras completas conforme citado na bibliografia.

arte, legislação da intuição, paternidade para com o débil, epopeia da filosofia e dos instintos generosos. (BILBAO, p. 298)

Nesse projeto, dado o equacionamento institucional precoce, definiu o lugar reservado ao Chile em ensaio denominado *El mensaje del proscripto a la nación chilena*:

Hoje, o Chile é a esperança da América. Essa terra dos araucanos parece conservar em suas artérias, em sua atmosfera, em seus elementos, as condições de salvação americana. Sua situação no espaço, no tempo, sua colocação geográfica e moral, seu espírito de persistência, sua fé em si mesmo, as garantias de estabilidade que apresenta para o bem e para o mal, tudo isso que forma seu caráter e seu gênio convoca o Chile a ser a cidadela necessária que invocamos. O povo disputa sua missão, mostra um presente superior, uma força maior, uma persistência grandiosa, uma autoridade nacional mais imponente, um crédito mais sólido. Saibamos compreender a vida da história. (2007, p.300)

O Chile seria a nação que, segundo o autor, “pela concentração de seu gênio e de suas forças, pela configuração e situação de seu território, por seu clima, por sua raça, pelo fundo das suas ideias, costumes e sentimentos” (2007, p.300) apresentava a unidade mais vital, mais compacta e mais forte da América e reiterou: ou se aceitava a missão que a história assinalava ao Chile, ou aquela nação também se alistaria na “procissão fúnebre” que apresentava a América do Sul.

Com esse olhar sobre a América do Sul, apontou a oportunidade perdida pelo Peru, onde estava exilado no período. No ensaio *El gobierno de la libertad*, escrito em Lima, em 1855, quando aquela nação acabava de sair de mais uma convulsão revolucionária, lamentou a derrota das forças populares, enfatizando que via a revolução e não via revolucionários, “via a ideia e não via espíritos para dela se apoderarem, sentia que havia inovação nas pedras, na falta de homens; assim, o altar da pátria permanecia solitário, e as pessoas se dispersavam no deserto” (2007, p.314). Viu na derrota das forças revolucionárias a abdicação do cidadão, o patriarcado dos caudilhos, a paixão por determinados líderes, a indiferença pelas ideias e a indolência com a liberdade, para ele, pragas muito arraigadas, o que permitia o controle do Estado pelas elites conservadoras. Nesse cenário, ressaltou o processo de independência como um movimento também de emancipação mental, devido à unidade que mobilizou, pontuando que doze anos de combates se sucederam, e a independência, vitoriosa no norte, com Bolívar, e no sul,

com San Martín, era um fato marcante, não apenas para o continente, mas para o mundo, valorizando o caráter inaudito desse empreendimento:

Foi aquela a época mais bela da história do Novo Mundo. Uma língua, a língua espanhola; uma ideia, a independência; uma pátria, a América; uma política, a confederação das repúblicas nascentes, tais foram as fecundas e gloriosas vantagens que se alcançou da luta perseverante e generosa que empreendera a causa da liberdade. (2007, p.347)

Entretanto, desencantou-se com os desdobramentos pós-independenistas, pois a unidade de ação amalgamada pela guerra dissipou-se. Reiterava que “o inimigo da humanidade penetrou no campo da revolução”, e que os próprios libertadores, fenômeno fartamente presente na história, se assombraram diante da sua obra e, em vista das perspectivas desconhecidas do porvir, “tiveram medo de sua emancipação, como se a saúde pudesse ser anomalia da natureza”. Enfatizou que até mesmo as almas mais valentes conservam o estigma do passado de escravidão e colonização e criticou o que denominou de farsas monárquicas ou ditatoriais. Ainda assim, seu arraigado americanismo desvelava o entusiasmo com o futuro da jovem América:

[...] quando vemos no Peru, o antigo soldado do sol, o índio, levantar-se, vencer e reorganizar o país; a cidade de Buenos Aires reivindicar sua antiga glória, destroçar a demagogia selvagem dos pampas e fazer-se dona de si mesma, chamar os imigrantes estrangeiros ao seu seio, podemos duvidar da independência, no progresso em todas essas comarcas e que todo um continente não se prepara, não espera um livre porvir? Nos falta ainda muito para fazer, é verdade; porém, temos o direito de crer em nossa América mais próxima da justiça e da verdade do que os outros países do mundo. (2007, p.361)

Sua utopia da unidade não esmoreceu e, com o fito de disseminar essa ideia, redigiu um curto ensaio, denominado: *Iniciativa da América – Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas (Post-Dictum)*<sup>13</sup>, reiterando que a ideia de Confederação da América do Sul, proposta ainda por Bolívar, clamava por um Congresso de plenipotenciários de algumas das Repúblicas que, tendo se reunido em Lima, não produziu os resultados esperados, pois os Estados permaneceram “desunidos”. Nessa perspectiva, afirmou que não acreditava que a história apresentasse um espetáculo mais transcendental que aquele das Repúblicas Americanas:

<sup>13</sup> Não há data desta publicação nas *Obras completas*, e esse ensaio deve ter sido escrito em 1856, pois, em seu início, Bilbao chama a atenção para a leitura do mesmo, no dia 22 de junho daquele ano, em Paris, na presença de “trinta e tantos” cidadãos pertencentes a quase todas as Repúblicas do Sul.

Nem no Oriente antigo, nem na Europa e em nenhuma época, jamais se viu o mais vasto continente dominado tão somente por duas raças, com dois idiomas, com apenas duas religiões e uma forma política abrir um albergue às ideias, hospitalidade aos nobres náufragos da Europa, uma esperança, um campo ao porvir, um direito à razão, elevada pela soberania dos povos à altura do legislador do Novo Mundo. Não, jamais se viu campear a razão em um teatro mais novo, grandioso e mais esplêndido [...] assim vemos a América, barco profético, navegar seu rumo sublime em linha reta, apesar de alguns marinheiros temerosos, não atrás de um paraíso de abundância, nem buscando o caminho de uma cruzada, mas atrás dos Campos Elisios da humanidade moderna, atrás do céu da razão, que é a República na terra. (2007, p.364)<sup>14</sup>

Para Bilbao, chegara o momento histórico da unidade da América do Sul e essa, então, se abria à segunda campanha. A seu ver, deveria ser agregada à independência conquistada a associação dos povos americanos; o desaparecimento da centralidade da “iniciativa da raça” branca constituía-se em motivo para essa unidade, o outro motivo não era menos importante, como assinalou:

Temos indicado a acefalia do mundo em nossos dias. A história vegeta, repetindo velhos ensaios, renovando múmias, desenterrando cadáveres. Só vemos uma ciência política: o despotismo, o sabre, o maquiavelismo, a conquista, o silêncio [...] a união é necessária para arrancar à consciência de um continente seus segredos, ao porvir seus mistérios, para criar nossos destinos; unidade de ideias por princípio e a associação como meio. Temos que desenvolver a independência, conservar as fronteiras naturais e morais de nossa pátria; temos que perpetuar nossa raça americana e latina, desenvolver a República, desvanecer as miudezas nacionais, para elevar a grande nação americana, a Confederação do Sul. Temos que preparar o campo com nossas instituições e livros para as gerações futuras. (2007, p.366)

Lamentou, reiteradas vezes, as divisões na América hispânica e, em 1846, afirmou que no México coexistiam e se chocavam as tradições das raças indígenas ao lado das tradições de descendentes da Espanha, questionando sobre onde estaria a

---

<sup>14</sup> Partilhando da perspectiva do “ineditismo americano”, no que se referia à construção das nações, Benedict Anderson (1989, p.60) replicou a envergadura dos movimentos independentistas na América: “Eis aqui o enigma: por que precisamente as comunidades crioulas é que desenvolveram tão precocemente concepções de sua *nation-ness* – bem antes da maior parte da Europa?” Sua resposta passa por várias questões, mas, sobretudo pelo modo como as unidades administrativas puderam ser concebidas como pátrias e como os interesses dos funcionários na América, no conflito entre peninsulares e crioulos, anteciparam o aparecimento da consciência nacional americana no final do século XVIII. E conclui: “[...] nem o interesse econômico, nem o liberalismo, nem o Iluminismo podiam criar ou criaram, por si sós, o tipo, ou a forma, de comunidade imaginada que se protegesse contra a espoliação daqueles regimes [...] No cumprimento dessa tarefa específica, os funcionários crioulos peregrinos e os homens de imprensa crioulos provincianos tiveram o papel histórico decisivo”. Esse debate, proposto por Anderson e Guerra, mais atualmente, abre um campo para se rediscutir os “modelos iluministas” e suas “influências”, escapando de uma história intelectual que afirme *ad eternum*, a cópia e a imitação por parte dos americanos.

unidade mexicana. Para ele, na América Central se viam mais ou menos as mesmas características, e a Grã-Colômbia de Bolívar se dividira em três Repúblicas; o Paraguai era “um silogismo realizador do espírito de morte, o Equador, Peru e Bolívia viviam em contradição, pois ali gemia o índio, gemia o negro e a vida se manifestava em anarquia” (2007, p.178-179)<sup>15</sup>. Variados elementos povoavam o ensaísmo crítico de Bilbao como impeditivos do progresso, para ele concebido não apenas no sentido material: ódios de raça, oposição às formas republicanas, carência de uma ideia grandiosa que se elevasse sobre tantas diferenças. Paradoxalmente, seu pessimismo era assomado pelo idealismo, já que, para ele, a América estava destinada a ser o repositório das virtudes cívicas e a atualização dos princípios da soberania popular:

A América está destinada a ser o altar da fraternidade humana em todas as variedades de criação moral e natural, ponto de encontro de todos os elementos humanos, norte e meio dia, Oriente e Ocidente, o negro, o índio e o branco, a unidade da associação [...] Momento grandioso e talvez único na história. Um mundo novo, resumo dos mundos anteriores, onde parece que afluíram todos os elementos da vida dos povos para produzir a fórmula definitiva da evolução humana a que assistimos. (2007, p. 181)<sup>16</sup>

De forma recorrente, Bilbao escreveu sobre unidade e, no texto *El Congreso Americano* (1859), reportando-se à união da Europa para defender-se de Napoleão, afirmou que, na América do Sul, não era tanto o inimigo externo que devia ser combatido e sim o inimigo interno: o isolamento, a escassez de habitantes, as travas impostas à expansão de um mundo novo “originadas pelo plágio à velha economia política e à anarquia” (p.475-476). Para a unidade, reivindicava a formação de uma “santa aliança” de Repúblicas, enfatizando que, se a América do Sul quisesse apoderar-

---

<sup>15</sup> Sobre o Brasil, afirmou tratar-se de um império construído sobre as lágrimas dos escravos e que, além das oposições de educação, de raças, de costumes, de províncias, o Brasil tinha a particularidade de ser uma anomalia na América republicana, uma vez que era ainda governado sob o regime monárquico.

<sup>16</sup> Nesse sentido, vale citar que o mexicano José Vasconcelos, em 1925, publicou, em Barcelona, *La raza cósmica*, fundamentado em ideias muito parecidas com as que Bilbao apresenta na última citação, sobretudo quando refletia (1948, p.15-17) que a predestinação da América Latina obedecia ao desígnio de constituir o berço de uma quinta raça, na qual se fundiriam todos os povos, para substituir as quatro que isoladamente vinham forjando a história. À América estava predestinada uma missão transcendental: fundir étnica e espiritualmente as gentes. Aqui se gestaria uma raça definitiva, uma raça síntese ou raça integral, constituída com o gênio e com o sangue de todos os povos e, por isso mesmo, mais capaz da verdadeira fraternidade e de visão realmente universal. Nessa perspectiva, NAVARRETE (2008, p.108) enfatiza como as ideologias de mistura racial, pensadas como solução para a heterogeneidade da sociedade, preconizavam a resultante desse processo, que seriam as raças híbridas, cujo papel dominante caberia à raça branca, considerada mais evoluída.

se da iniciativa que o mundo exigia, ela precisava apresentar o espetáculo da pátria livre e unida com a federação das Repúblicas e alimentar o povo com grandes ideias:

Devemos, pois, apresentar o espetáculo de nossa união Republicana. Tudo clama por unidade. A América pede uma autoridade moral que a unifique. A verdade exige que devamos dar a educação da liberdade aos nossos povos; um governo, um dogma, uma palavra, um interesse, um vínculo solidário que nos una, uma paixão universal que domine os elementos egoístas e o nacionalismo estreito e que fortifique os pontos de contato. Os bárbaros e os pobres esperam esse messias; os desertos, nossas montanhas, nossos rios clamam pelo futuro explorador, e a ciência e o mundo aguçam o ouvido para ver se vem uma grande palavra da América: e essa palavra será a associação das Repúblicas. (1862, p.124)

Aqui, mais uma vez, reforçou a necessidade de um congresso americano, declarando que a primeira nação que proclamasse essa ideia sediaria a primeira reunião, na qual seria definida a capital americana. As determinações não teriam força de lei, sem a aprovação de cada Estado e, dentre as atribuições do congresso, a principal seria a criação da cidadania universal, via pela qual todo republicano seria considerado cidadão em qualquer República que habitasse. Seria criado um sistema de “educação universal e de civilização para os bárbaros” e uma Universidade Americana, na qual se reuniria todo conhecimento relativo à história do continente, o conhecimento de suas raças e línguas (1862, p. 125).

Seu idealismo era visceral e, como é próprio do ensaio, não indicou propostas programáticas no sentido da sua perspectiva de unidade e de uma identidade unívoca para a América que projetou, apontando que os problemas que entravavam a unidade e o desenvolvimento eram desdobramentos da herança colonial, e que o homem livre poderia profetizar seu próprio caminho. Convicto da força persuasiva da palavra, no livro *El Evangelio Americano*, perfilou o futuro grandioso da América, que serviria de exemplo às outras nações:

Salve, povo americano. Dominarás a teu inimigo. Arrancarás do teu ser, do teu sangue e de tuas entranhas o inimigo encarnado e sobre o altar da pátria ensanguentada oferecerás o holocausto de teus medos, de teus egoísmos, de tuas indolências e de todas tuas misérias transmitidas.  
Salve, povo americano! Consumarás o sacrifício sobre o cadáver da conquista. – Desatarás os ventos, porque não temes tempestades e buscas a purificação. Desencadearás os elementos, porque provocas uma nova criação nas afinidades naturais das coisas. E como um sol, ó centro de vibração luminosa no espaço, irradiarás a vida, o direito, o movimento do individualismo, a energia e virtude desdobrada de todo ser humano. E voltarão os espetáculos do oceano popular seguindo a corrente predestinada à sua evolução magnífica. (1864, p. 134)

O exemplo americano para o mundo seria a República, a educação na soberania do povo, o desaparecimento das tradições feudais, monárquicas, militares e papais, e esse continente “perpendicular ao Equador, com o organismo hidrográfico de seus rios maravilhosos, delineava o campo predestinado à cidade universal do pensamento livre” (1864, p.135). Questionou sobre quem, “ao ver esse destino que batia à porta dos americanos, não se levantaria para conspirar com a providência e derramar os eflúvios de luz, de caridade e de riqueza que contêm a mente, o coração e o solo da América” e no ensaio *Un recuerdo del ideal*, também denominado *La Revolución de la Honradez*, escrito para comemorar, em 25 de maio de 1857, o aniversário da independência argentina, onde residia desde o regresso do exílio europeu, ponderou:

É novo o Mundo Americano, comparado com a Europa e, apesar da nossa inferioridade, temos um ponto luminoso, um centro de condensação na zona nebulosa da história, que, fecundado pelo dever e pela ciência, pode apresentar em pouco tempo a formação do astro mais luminoso, que sirva de consolo às nações afligidas e que, realizando as profecias, confirme as esperanças mais legítimas da humanidade. Esse ponto luminoso é a República que se salva, é a educação impalpável da soberania do povo [...] é tudo o que delinea o campo predestinado à cidade universal do pensamento livre, da fraternidade das raças e nações e da abundância para recompensar aos novos povos que professam a religião da liberdade sobre a terra. (2007, p.407)

Nesse passo, grandes ideias alimentariam as nações; o autor apontava que, diante do pampa que pedia ferrovias, dos rios que pediam barcos a vapor e incremento populacional não se poderia esterilizar nenhuma força. Para ele, a Providência falava à América por meio da natureza, a justiça por meio da consciência, o interesse por meio da inteligência e, para isso, as Repúblicas do Sul deveriam se unir em uma federação, “essa seria exemplo para a Europa corrompida” (2007, p. 476).

A questão da unidade americana e a ideia de que a América seria o farol que iluminaria os caminhos do Ocidente eram sempre ressaltadas, sobretudo porque afirmava ser possível gestar na América a verdadeira concepção de República calcada na soberania do povo, e povo aqui compreendido no sentido *lato*. Seu diagnóstico não se pautou pela visão negativa de muitos ensaístas no período, sequer quanto à incorporação da alteridade, desvelando sua modernidade quanto à possibilidade de se descolar de uma herança colonial determinista, apesar de registrá-la como um obstáculo de vulto. A transição de uma sociedade de corte antigo para uma sociedade moderna abria possibilidades para criações originais também nas linguagens políticas que a

Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.13, p. 9-36, jul./dez. 2012.

<http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>

revolução americana conseguiu articular e que matizaria as contradições europeias, que, segundo Bilbao, afirmavam a liberdade e a igualdade, mas escravizavam; também para a Europa, havia muito a ensinar.

### **Justo Sierra – Forjando a pátria dilacerada**

Diferentemente de Bilbao, a reflexão de Sierra neste ensaio foi assomada pelas dificuldades com as quais o México se defrontou para consolidar a independência, acochado também pelo expansionismo dos Estados Unidos e pela invasão francesa. Ao pesquisar sobre Justo Sierra (1848-1912), constatei que lidava com um personagem singular, devido às características laudatórias e quase hagiográficas atribuídas por aqueles que se dedicaram a elaborar seu perfil ou sintetizar sua trajetória intelectual. A influência desse autor deveu-se ao destacado papel como periodista, educador e colaborador em diversas instituições. Foi deputado no Congresso da União, ocupou a cátedra de História na Escola Nacional Preparatória e fez parte da Academia Mexicana de Linguagem. Com formação em Direito, ocupou a magistratura da Suprema Corte de Justiça, tendo sido titular da Secretaria de Justiça e Instrução Pública e Belas Artes. Foi responsável pela organização do primeiro sistema de educação pública do México e pela reorganização da Universidade Nacional. Foi Secretário de Educação Pública e morreu em Madri, como ministro plenipotenciário do México, tendo sido indicado por Francisco Madero, no início da Revolução de 1910. No centenário do seu nascimento, a Universidade Nacional o proclamou “Mestre da América”, e seus restos mortais foram trasladados para o monumento aos heróis mexicanos, em reconhecimento ao seu esforço de pensar a nação.

Suas *Obras completas* foram editadas em quinze volumes, que constam de poesia, prosa e ensaios. A obra que examino procede a um balanço de uma época emblemática, que ele viveu intensamente, tendo acompanhado momentos fulcrais da história do país, como testemunha ocular de muitos dos principais eventos que marcaram o México após a independência e a guerra com os Estados Unidos. Segundo REYES (1986), esse ensaio histórico deixa transparecer a visão do historiador e a “linguagem mental” da sua época, que contém uma representação de mundo. Ele

construiu uma das versões da história pátria que foi perenizada, pois esse ensaio ainda ocupa espaço referencial sobre o largo período que analisou<sup>17</sup>.

No ensaio que examino, Justo Sierra apresentou sua perspectiva sobre a difícil consolidação do Estado nacional mexicano e refletiu sobre seu povo, na longa duração, das origens remotas até o início da década de 1880. REYES (1986, xvi) enfatizou a envergadura da tarefa a que se propôs Sierra, reforçando que a história pré-colombiana à época dava seus primeiros passos. Mesmo com o avanço da arqueologia mexicana, até aquele período, não se produzira uma síntese como a de Sierra. Também LIRA (1996, p.22) aponta que esse trabalho foi considerado um modelo de síntese, uma versão compreensiva da história do México e um ponto de partida para as reflexões sobre o país no século XX. Daí o fato de Justo Sierra ser considerado o primeiro historiador dos novecentos no México, pois não há historiografia, nessa centúria, que não tenha recorrido ao ensaio *Evolución política del pueblo mexicano*. Na figura do ensaísta analisado, se conjugariam as tradições historiográficas do século XIX, o século da história política e científica, manifestas, especialmente, em duas expressões distintas, mas conexas: uma corresponde ao ofício do magistério, pois Sierra foi autor de livros para as escolas primárias e preparatórias, e a outra, mais destacada, corresponde ao ensaísta, autor de sínteses de grande alcance, que foi guiado pelo propósito de interpretar o cenário nacional. Sierra justificou suas demandas em nome de uma

---

<sup>17</sup> REYS (1986, xiv) lembra que essa publicação é a primeira em volume isolado, já que fora editada apenas na coleção de monografias escritas por vários autores e, atualmente, inacessível. Essa coleção de monografias históricas (*México: sua evolução social*), que trata de múltiplos aspectos da vida nacional e confiada a distintos especialistas, sob a direção de Justo Sierra, foi editada em três volumes profusamente ilustrados, no período entre 1900 e 1902. O autor destaca que, nessa publicação original, o tamanho dos tomos dificultava o manuseio e, além disso, seu preço tornou inacessível a aquisição, acarretando um segundo obstáculo, a pouca disseminação da obra. A monografia de Justo Sierra continuava “sepultada” naquela primeira edição; o que se conhecia era um pequeno opúsculo fragmentado e desautorizado, que contém apenas os primeiros capítulos, que foi publicado, em 1917, em Madri. Por sua vez, Samuel Ramos, em obra referência, denominada *El perfil del hombre y la cultura en México*, editada pela primeira vez em 1934, assevera que, para explicar a história do país, Justo Sierra adotou ideias da Sociologia Positivista de Comte e de Spencer, reiterando que, durante a época porfiriana, se realizava o trânsito entre o período militar e o industrial, tal como propôs Spencer. Amparado nessa concepção, que lhe tornou um partidário da filosofia do progresso, o autor considerou que o país rumava na direção da evolução social. Contudo, apesar das concepções elencadas, RAMOS (1999) alerta que Justo Sierra não pode ser enquadrado, tal como fazem muitos autores quando o inserem no interior da filosofia positivista, no “estrito espaço de um ismo”. Ainda, de acordo com o mesmo analista, nos escritos de Sierra, a história teria sido dotada de tamanha objetividade que se tornou um meio de “acender nos mexicanos o culto da pátria”. Em síntese: Sierra acreditava na evolução histórica como um grande movimento progressivo que conduziria à liberdade, sendo considerado o mestre da história mexicana.

“política científica”, baseada em leis da evolução, e assinalou a revolução como situação patológica nos organismos sociais<sup>18</sup>.

Segundo o autor, a constituição da nação mexicana decorreu de “laboriosa e deficiente gestação”, nos onze anos de luta que antecederam a libertação do jugo colonial. Para ele, os povos acostumados a esperar tudo ou a perceberem em tudo uma intervenção direta da providência enxergam os triunfadores como verdadeiros messias e essa crença foi também expressada pela Junta Governativa após a independência. Apontou, ao longo da história, os homens que considerava heróis e gestores do processo de consolidação da nação, ressaltando o papel de Itúrbide, que liderou a última etapa emancipacionista, criando o Império do México. Refletiu que no novo Congresso reinava a anarquia, própria da menoridade da nação e das instituições parlamentares, em um país que “havia pouco tempo sequer sonhara tê-las” (1986, p.123). Nesse cenário, tudo se constituía em novidade, dúvida e inexperiência, e aqueles que fizeram parte das cortes espanholas, que viajaram ou que conheciam teorias políticas foram requisitados e se tornaram os mestres e guias da nova nação.

Conforme sua concepção, sob essa característica, os desacertos internos avultaram, agravados pelas divisões políticas a favor e contra a Espanha. Em uma das raras referências a outras nações da América hispânica, na obra a que me referencio, o autor revelou que grassavam petições para transformar o Império em República, nos moldes da Colômbia, Peru e Argentina. No entanto, o sentimento público de exaltação contra a Espanha era perpassado por um imenso júbilo e pelo desejo de colocar à frente do governo um monarca referendado pelo movimento de independência. Sierra assestou suas críticas aos que ele denominou de “profetas retrospectivos” (aqueles que analisavam o período com olhar anacrônico). Todavia, apontou sua alternativa por esse mesmo viés que ele tanto condenava e que, para ele, teria superado os impasses que então se instauraram:

Teria sido mais conveniente ao país que, rompendo os compromissos de Iguala, tivesse inaugurado uma ditadura eminentemente ilustrada e

---

<sup>18</sup> LIRA (1996, p.34), discorrendo sobre a obra de Sierra, afirma que a concepção evolucionista é assumida para mostrar a capacidade do organismo social mexicano, que, em curto tempo, comparado com a história europeia, conseguiu transitar da Antiguidade, (período pré-colombiano) à Idade Média (período da dominação espanhola), chegando à modernidade, quando ocorreram duas revoluções: uma política, que assegurou a independência nacional, e outra, a da Reforma, que abalou a sociedade e a liberou dos hábitos que impediam seu desenvolvimento, seu progresso.

Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.13, p. 9-36, jul./dez. 2012.

<http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>

organizadora, forma natural dos governos de transição, até que findassem as ameaças da Espanha e a República, compacta e forte se tivesse desprendido da matriz colonial. Naquela situação, o Império parecia uma forma superior, por seu prestígio quase divino à ditadura [...] e o povo, incapaz de compreender as vantagens da república, contestou com tão vivas mostras de adesão em todos os âmbitos da nova nação, a exaltação ao trono do vitorioso caudilho, que um homem superior a Iturbide pela inteligência e o caráter teria se ofuscado completamente. Um rei mexicano era o símbolo vivo da independência para as classes indígenas e de educação rudimentar de uma sociedade que havia crescido na religião da monarquia. (1986, p.124)

Contudo, o Império, apesar da popularidade, frustrou as esperanças daqueles que o viam como solução. Em 1823, dadas as sublevações, o imperador Iturbide abdicou, partindo para o exílio, e o Congresso não aceitou sua substituição, sob a alegação de que o Império era ilegal. Mesmo após o retorno e o fuzilamento de Iturbide, o país não foi unificado e sequer pacificado. Yucatán, aonde nasceu Sierra, devido à sua posição geográfica extrema, além da sua história administrativa e até por sua autonomia étnica e linguística, considerava-se uma nacionalidade à parte e resistia à incorporação nacional, liderando movimentos pela formação de um novo Estado ao norte. O esforço para a incorporação dessa região, relativamente isolada do restante da nação, durou décadas, pois a liderança política local pleiteava a autonomia total em relação ao México. Nesse cenário de dissenso e sob a ameaça de invasão espanhola, com o apoio da Santa Aliança, ampliou-se o anti-hispanismo. De acordo com o autor, os políticos se proporcionavam mandatos eleitorais diante do imobilismo da sociedade e, por breve interregno, houve paz relativa, garantida pelos subsídios governamentais:

O país entrou na vida normal [...] e desde então foi proverbial esta máxima prática: *Quando os soldos se pagam, as revoluções se apagam*. E isto era natural em uma nação em que, por seus hábitos e sua educação, as classes dirigentes só podiam viver do pressuposto; o governo não era mais que um banco de empregados, custodiado por empregados armados que se chamava de exército. (1986, p.132)

Sierra criticou o endividamento do país diante da Inglaterra, mas destacou a importância da declaração inglesa, em 1824, reconhecendo a independência das repúblicas hispano-americanas, o que paralisou o empenho da Santa Aliança em ajudar a Espanha a recuperar suas colônias; mas a efervescência política continuava. Paralelamente à insegurança, com a ampliação do poder das lojas maçônicas, uma encíclica do papa Leão XII, condenando a independência das colônias, causou grande comoção nacional. Consoante o autor, esses desacertos implicaram na concepção

européia sobre a impossibilidade de que o México pudesse se organizar como nação autônoma, já que “os exploradores no governo começaram seu sistema de sangrias em um organismo anêmico e, durante mais de meio século, impediram a República de avançar” (1986, p.134). Esse modelo de Estado foi denominado por ele de “império do ágio”, quando a nação foi pensada sob diferentes concepções: federalismo, centralismo, ditadura, consumando-se, por fim, a temida invasão espanhola:

[...] a guerra foi declarada e um pequeno corpo do exército espanhol desembarcou na costa oriental e a República, com mil sacrifícios, pode opor-lhes um exército pouco superior; mas fez um esforço esgotante para resistir a um exército muito maior que se supunha vir em seguida à vanguarda [...] depois de renhidos combates em que os oficiais espanhóis viram com surpresa que o soldado mexicano, quando tem a convicção (adquirida com maravilhoso instinto) de que seus chefes estão decididos a lutar até morrer e lhe dão o exemplo, pode equiparar-se ao primeiro soldado do mundo. (1986, p.136-137)

Nas décadas após a independência, houve inúmeras tentativas de pacificar e unificar o país, uma vez que alguns estados formavam coalizões para defender-se do governo central e do exército. Yucatán e Tabasco permaneciam fora do pacto federal, e o Texas gravitava na direção dos Estados Unidos. Os assassinatos dos generais que comandavam as lutas ou tentavam firmar um modelo de governo foi recorrente nessas décadas, tendo início a era dos *pronunciamentos*, quando o exército se apresentou como intérprete da nação. Em meio às lutas civis e à sucessão de governos que não conseguiam completar os mandatos, as massas no campo, indígena e mestiça, “que serviam com as armas ao que dispunha de maior força, não tinham mais guia, nem programa, além dos seus padres e suas superstições” (1986, p.141). Depois da obra dos insurgentes de 1810, a geração que os havia substituído ainda tentava destruir o regime colonial, particularmente a tutela da Igreja.

O movimento conhecido por Reforma foi o mais incisivo na busca de converter a sociedade mexicana em sociedade laica. O autor lembra que as reivindicações dos reformistas tinham origem histórica nos votos dos municípios, que, desde o primeiro século colonial, já pediam aos reis que proibissem o estabelecimento de mais conventos e igrejas e que fosse limitado o número de religiosos. No entanto, essa tarefa não era simples, pois então o clero denunciava o governo como artífice da destruição da religião. A epidemia de cólera que atingiu o país nesse período foi interpretada como

castigo do céu<sup>19</sup>, e o governo seguiu exercendo o direito de padroado<sup>20</sup>. O autor reverberou mais uma vez sua concepção negativa sobre a alteridade, ao afirmar que foi proibido aos padres exigirem trabalhos pessoais e estabelecerem confrarias, com o propósito de extirpar o costume indígena de “converter em orgias e farsas de mau agouro as festas eclesiásticas, o que impossibilitava a poupança do trabalhador rural e do artesão e os mantinham na idolatria” (1986, p.145).

Quanto ao ensino, Sierra ressaltou que as universidades foram os focos medievais do ensino, mesmo nutridas do espírito laico da emancipação e da ciência. Criticou a supressão da universidade nesse período, afirmando que só no México se poderia pensar que universidade e reação científica eram sinônimos e a primeira pavimentava a estrada do progresso. Houve dissolução de legislaturas, cidades foram sitiadas e estados onde ocorreram *pronunciamentos* foram ocupados militarmente. A complexa situação interna se agravou, a partir do conflito com os Estados Unidos pela questão do Texas e também com os enfrentamentos com as tropas francesas:

Todavia, abundam os períodos da história mexicana em que as repetições dos mesmos erros, das mesmas culpas, com sua lúgubre monotonia, comprimem o coração de amargura e de pena. Quanta energia desperdiçada, quanta força derramada no sangue de perenes contendidas, quanto lar desfeito, quanta infinita humilhação da pátria! O salteador que pululava em todos os caminhos se confundia com o guerrilheiro, que se transformava em coronel, ascendendo a general de motim em motim e aspirando a presidente de revolução em revolução. Todos traziam uma ata na ponta da sua espada, um plano na carteira de seu conselheiro, clérigo, advogado ou mercador, uma constituição em sua bandeira, para fazer a felicidade do povo mexicano que, magoado e pisoteado em um lodaçal sangrento, por todos e em toda parte, se

<sup>19</sup> A atribuição de fenômenos da natureza ao castigo do céu foi uma constante na América hispânica depois das independências. DELAPORTE (2007, p.257-258) estudou um período anterior, por ocasião da entronização de Nossa Senhora de Guadalupe como padroeira da Nova Espanha em 1737, ressaltando sua aceitação pelos índios, mestiços, castas, *criollos* e, fora da Nova Espanha, pelo rei e pelo papa, eclipsando seus rivais marianos, com sua supremacia repentina, triunfal; única protetora entre tantos intercessores. Trata-se da consagração de um culto, por ocasião de uma epidemia, desvelando o reconhecimento da intercessão a Guadalupe, embora a epidemia tenha dizimado um terço da população da cidade do México. Na epidemia como castigo divino, converge tanto a imagem dos grandes desastres bíblicos, quanto o fim catastrófico dos calendários solares astecas. Já que o recurso aos milagres e prodígios era moeda corrente, a doença como castigo implicava nesse modo de defesa. Evidencia-se, nesse caso, a trilogia: epidemia, intercessão e a exacerbação da fé, que períodos de crise instauram em sociedades profundamente religiosas, como era o caso da Nova Espanha.

<sup>20</sup> De acordo com MATOS (2001, p.101), a instituição do padroado é uma “concessão” dos papas e monarcas comprometidos com os interesses da Igreja. Os governantes eram investidos de poderes pontifícios para administrar, nos seus respectivos territórios, a instituição eclesiástica, promovendo e sustentando as obras religiosas. Estabelece-se assim um solene compromisso entre o Estado, na pessoa do rei, e a Santa Sé, tendo em vista a propagação da fé cristã e a consolidação da Igreja. Por sua vez, HORNAERT (2008, p.35) destaca como, no período colonial, a instituição do padroado recuou na Europa e se ampliou na América: “De 1442 em diante, direito de padroado significa direito de conquista”.

levantava para ir ganhar a diária, trabalhando como uma besta de carga, ou para ganhar o esquecimento batendo-se como um herói. O período da guerra francesa à guerra norte-americana é um dos mais espantosos de nossa trágica história. (1986, p.154-155)

Descreveu a sociedade mexicana de então como “desprovida de um raio de sol para iluminar o cume e sem esperança de chegar à solução de um problema que o tempo não resolvia”<sup>21</sup>. Reiterou que na história mexicana era necessário sinalizar os contínuos percalços para a consolidação da pátria, agravados pelas ações agressivas estrangeiras. Destacou a política de ampliação territorial dos Estados Unidos, que culminou na guerra de 1846-1848, e na perda de metade do território mexicano para aquele país, referendado pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo e, posteriormente, a intervenção francesa.

### **Considerações finais**

As perspectivas dos dois autores aqui examinados refletem as distintas situações internas que suas respectivas nações experimentaram, após as vitoriosas lutas pela independência do jugo colonial espanhol. Ambos apelaram aos sentimentos que pretendiam cultivar nos atores das novas repúblicas, engajando-se em um projeto para a conversão dos americanos, de súditos a cidadãos livres. Liberdade então significava novas possibilidades de expressão nos marcos de respeito aos direitos do cidadão, em uma modernidade mesmo que ambígua. A tarefa se tornava mais ingente na medida em que as ideias modernizantes propostas chocavam-se à imprecisão dos ideais e das expectativas populares. Justo Sierra evocou de forma recorrente essa questão, nas décadas em que o México foi dilacerado pelas guerras civis, sem que se consolidasse o ideal republicano cultivado por ele e considerado a chave para a superação dos impasses nacionais. Diante dos antagonismos, essa vanguarda de letrados adjudicava a capacidade de apontar os rumos da história, buscando intervir de distintas formas nessa mesma história, a fim de equacionar o cenário nacional caótico para alcançar a paz e o

---

<sup>21</sup> SIERRA (1986, p.156) acentuou que, nesse cenário desolador não surpreende que tenha sido proposto um remédio para os males mexicanos: a monarquia de um príncipe estrangeiro. Nada podia ser mais artificial, mais fictício, mais irrealizável no México que uma monarquia. Nada fustigaria mais o amor próprio nacional que a monarquia de um estrangeiro. Porém, diante das discórdias e do perigo do intervencionismo norte-americano, mesmo após a guerra entre os dois países, é possível compreender o erro dessa proposta concretizada pela França com Maximiliano, na década de 1860.

progresso. A maturidade histórica se apresentava então com nomes distintos, como desenvolvimento, progresso, sociedade igualitária e uma identidade unívoca era a bandeira encompassadora.

Substituir, de forma definitiva, os modelos representativos da monarquia espanhola pelo governo local, referendado pelo povo, e construir uma nação modelar eram as tarefas a que se propunham esses homens e, para seu alcance, cada um apontou um caminho. O diferencial dos intelectuais no período esteve no afastamento em relação à influência eclesiástica, identificada com a Espanha. Os dois ensaístas examinados transitaram na órbita do poder político laico, respondendo às demandas da nação. Não obstante certa similaridade em muitos dos argumentos referendados pelos autores, é preciso atentar para o fato de que os debates políticos e intelectuais do período formativo das nações no continente endossaram distintas perspectivas, que, por sua vez, conduziram a projetos políticos muitas vezes divergentes, cristalizando a figura do mosaico político e cultural na região. Exatamente por isso, a historiografia contemporânea aponta que não é mais tão simples definir liberalismo ou conservadorismo para os distintos espaços americanos. Os princípios que embasaram os grupos políticos, frequentados comumente pelos intelectuais ensaístas, muitas vezes, não cabem nessas denominações “consagradas” por tanto tempo.

Outro ponto dissonante em relação à historiografia tradicional é que esses letrados não produziram uma simples cópia do que se refletia na Europa, avançando para além da simples propositura de uma identidade nacional. Essa postura sinaliza uma peculiaridade dos ensaístas da América hispânica, responsáveis por uma forte crítica às nações colonizadoras da Europa e aos Estados Unidos, apesar da admiração pelas instituições políticas dessa nação. Enfim, admiração não significa, como o senso comum proclama, sinônimo da ausência de crítica. Não obstante a aferrada fidelidade à figura do rei, durante todo o período colonial, e que se prolongou nos dois primeiros anos da invasão francesa à Espanha, o hispanismo foi se interpondo nas reflexões, produzindo resultados dissonantes, mas absolutamente inéditos, posto que esses autores indicaram uma reflexão subversiva do resistente paradigma historiográfico da mera imitação.

Ademais, lembrando François Hartog (1996), o padrão de escrita desses autores oitocentistas estava perpassado pela estreita associação entre progresso e nação: nação como progresso e história como progresso da nação. Como a história era entendida como processo, e o tempo se direcionava a progressão, não alcançar o fim desejado era um problema. Ao se configurar o impasse, esses autores atribuíam-se a função de apontar alternativas ao labirinto americano. Diante disso, não há dúvida quanto ao esforço propositivo dos ensaios. Se essa escritura peculiar se mune de metáforas e constitui-se de criatividade, imaginação e utopia, nenhum desses elementos permite a conclusão da ausência de sentido e proposição. Essa perspectiva estava no horizonte de expectativa desses autores, mesmo que a ideia de progresso entre eles fosse distinta – e a de Bilbao o era, certamente, respaldada em uma concepção mais humanista e igualitária.

No México, esse imaginário de pertencimento foi conquistado muito lentamente em meio às diatribes cotidianas, contrariando as interpretações historiográficas que insistem em não considerar a diversidade de propostas e os múltiplos atores em sociedades e linguagens distintas e complexas. Divergindo da solução institucional mais facilitada no Chile, os períodos revolucionários vividos por essas duas nações desvelam como acontecimentos aleatórios alteram o campo histórico, impondo novos problemas e abrindo diferentes alternativas no cipoal de conceitos e problemas afins.

## Fontes

BILBAO, Francisco. *La América en peligro*. Buenos Aires: Imprenta y Litografía á vapor, 1862.

\_\_\_\_\_. *El Evangelio Americano*. Buenos Aires: Imp. de la Soc. Tip. Bonaerense, 1864.

GOYENECHÉ, José Alberto Bravo de (ed.). *Bilbao: el autor y la obra* (Obras Completas). Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2007.

SIERRA, Justo. *Evolución política del pueblo mexicano*. México: Editorial Porrúa, 1986.

## Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- DELAPORTE, François. Matlazahuatl e Guadalupe: México 1737. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio de (Orgs.). *Escritas da história – Narrativa, arte e nação*. Uberlândia: EDUFU, 2007, p. 257-269.
- ETCHEVERRY, Auguste S. J. *O conflito actual dos humanismos*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas – A correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- GUERRA, François-Xavier. La ruptura originaria: mutaciones, debates y mitos de la independencia. In: DAMAS, Germán Carrera et. al. *Mitos políticos en las sociedades andinas – orígenes, invenciones y ficciones*. Caracas: Equinoccio Editorial, 2006, p.9-24.
- \_\_\_\_\_. *Modernidad y independencias*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- GREEN, Nancy Green. *L'Histoire comparative et le champ des études migratoires*. In: Annales ESC, no. 6, p. 1335-1350, novembre-décembre 1990.
- HARTOG, François: *Regime de historicidade – Time, history and the writing of history: the order of time*. In: KVHAA Konferenser, Stockholm, 37, p.95-113, 1996.
- HORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil: Primeira época, período colonial*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BERTRANOU, Clara Alicia Jalif de. *Francisco Bilbao y la experiencia libertaria de América – la propuesta de una filosofía americana*. Mendoza: EDIUNC, 2003.
- LEMPÉRIÈRE, Annick. Los hombres de letras hispanoamericanos y el proceso de secularización (1800-1850). In: ALTAMIRANO, Carlos (director); MYERS, Jorge (editor del volumen). *História de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 242-266.
- LIRA, Andrés. Justo Sierra: la historia como entendimiento responsable. In: FLORESCANO, Enrique; PÉREZ, Ricardo (Org.). *Historiadores de México en el siglo XX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

- MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história – 500 anos de presença da igreja católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- NAVARRETE, Federico. A invenção da etnicidade nos Estados-nações americanos nos séculos XIX e XX. In: HEINZ, Flavio M; HARRES, Marluza Marques (orgs): *A história e seus territórios – Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 89-114
- OCARANZA, Nicolás. Francisco Bilbao: la conciencia crítica de un joven liberal chileno. In: *XIX - Historias del siglo diecinueve chileno*. Santiago: Vergara, 2007. P. 99-130.
- ORELLANA BENADO, M. E. Francisco Bilbao y la revolución de 1810. In: GOYENECHÉ, José Alberto Bravo de (editor). *Bilbao: el autor y la obra* (Obras Completas). Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2007, p. 7-21.
- PRADO, Maria Ligia. América Latina: tradição e crítica. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.1, n.2, p. 167-174, 2/set/1981.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. In: *Revista de História* 153, p. 11-33, 2005.
- RAMOS, Samuel. *El perfil del hombre y la cultura en México*. México: Colección Austral, 1999.
- REYES, Alfonso. Prólogo: SIERRA, Justo. *Evolución política del pueblo mexicano*. México: Editorial Porrúa, 1986.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo-Occidente – Introdução à América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- SÁBATO, Hilda. Horizontes republicanos en Iberoamérica. Una perspectiva de largo plazo. In: BRAGONI, Beatriz; MATA Sara E. *Entre la colonia y la República – Insurgencias, rebeliones y cultura política en América del Sur*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2008, p. 311.
- SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

STUVEN, Ana Maria; PAMPLONA, Marco A. (Org.). *Estado y nación en Chile y Brasil en el siglo XIX*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2009.

VASCONCELOS, José. *La raza cósmica – Misión de la raza iberoamericana*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948.